

## CENTENÁRIO DE UM LIVRO CURIOSO

Odilon Nogueira de Matos

Em 1887, portanto há cem anos, aparecia em Leipzig, Alemanha, editado pela famosa Brockhaus, um livro curioso: escrito e publicado em alemão, por um autor brasileiro e tratando da vida de um francês, embora ligado também à história de nosso País: Villegagnon, o fundador da “França Antártica”, tentativa de ocupação francesa no Brasil, em meados do século XVI. Seu autor, Manuel Tomás Alves Nogueira, ou apenas M.T. Alves Nogueira (como ele mais freqüentemente assinava), nasceu no Rio de Janeiro em 1840 (ou 41, segundo algumas fontes). Adquiriu sólida formação humanística em universidade alemã, o que lhe permitiu falar e escrever corrente e corretamente diversas línguas vivas e mortas. Retornando ao Brasil, prestou concurso para a cadeira de Grego do Colégio Pedro II, escrevendo sua tese inteiramente em língua grega, o que deve ter causado situação não muito cômoda aos seus próprios examinadores, provavelmente nenhum deles em condições de ler com desembaraço algo totalmente escrito em grego. Mas, não esquentou o lugar, pouco permanecendo no cargo. Possuindo rendimento que lhe possibilitava viver na Europa, para lá se transferiu com a família, fixando residência em Franckfort-sobre-o-Meno. Parece que voltou ao Brasil apenas uma vez, a passeio. Andou por diversos países europeus, vindo a falecer nos arredores de Gênova, em 1913.

Manuel Tomás Alves Nogueira deixou treze trabalhos originais, além de quatro traduções. Dos originais, um foi escrito em grego (a tese de concurso, Rio, 1864), outro em latim (*De americanarum gentium origine illustranda commentarium*, Rio 1865), dois em alemão (*Bemerkungen über die letzten Ereignisse in den La-Plata Staten*, Rio, 1865; em português: *Considerações sobre os últimos acontecimentos dos Estados platinos*) e os demais em nossa língua e que adiante serão mencionados.

Traduziu para o alemão as *Noções de corografia do Brasil*, de Joaquim Manuel de Macedo, tradução esta publicada em Leipzig, em 1873 com o título *Geographische Beschreibung Brasiliens*; nesta tarefa, contou Alves Nogueira com a colaboração de Guilherme Henrique Teodoro Schieffler, seu colega do Colégio Pedro II.

Passou do alemão para o português três clássicos de nossa historiografia militar, a saber:

1. **Reminiscências da Campanha de 1827 contra Buenos Aires**, pelo Coronel Anton Adolf Friedrich von Seweloh, obra datada do Passo de São Lourenço, 2 de junho de 1827. Não chegou a ser publicada na língua original. Informa José Maria da Silva Paranhos, futuro Barão do Rio Branco que “o manuscrito foi traduzido por ordem do Ministro de Guerra, Conselheiro Junqueira, a quem o confiei, sendo o Bacharel Tomás Alves Nogueira o tradutor”. Informa Abeillard Barreto que este manuscrito de Seweloh é um dos muitos cimélios do Itamarati (**Bibliografia sul-riograndense**, II, 1271). A tradução de Alves Nogueira apareceu em 1874, inserta no tomo 37, parte 1ª, da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Todavia, a tradução não é completa. A tradução completa deste precioso clássico de nossa historiografia militar (e da literatura de mercenários) só apareceria em 1936. Devêmo-la ao General Bertholdo Klinger e foi publicada originalmente na “Revista Militar Brasileira”, tendo sido tirada em separata naquele mesmo ano. Esta nova tradução (hoje bastante rara) vem precedida de um estudo sobre o autor, pelo então Tenente-Coronel Francisco de Paula Cidade, a quem pertencem também algumas notas apostas ao texto de Seweloh, bem como uma advertência sobre a origem desta publicação e um resumo da Guerra Cisplatina.

2. **A Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai**, em dois volumes, de Louis Schneider. A obra original, **Der Krieg der Triple-Allianz** apareceu em Berlim, em 1872-1875 e constava de três volumes; a tradução de Alves Nogueira (incompleta, ao que informa Abeillard Barreto), surgiu no Rio de Janeiro em 1875/76, anotada pelo futuro Barão do Rio Branco. Diversos excertos desta obra foram publicados em diferentes lugares. A obra de Schneider mereceu duas reedições: a primeira em 1902 (Rio de Janeiro, Garnier) e a segunda em 1945 (São Paulo, Edições Cultura, integrando a série “Brasilica”). Não existindo edições modernas, todas as mencionadas são cotadas por altos preços nos alfarrabistas.

3. **História da Guerra do Paraguai e episódios da viagem na América do Sul**, de Max von Versen, anotada pelo General Ernesto Augusto da Cunha Matos, integrando o tomo 76 da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, de 1913, com prefácio de Ramiz Galvão. Há pouco mais de dez anos (1976) foi a obra de von Versen pela primeira vez publicada em livro, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, integrando a preciosa coleção “Reconquista do Brasil” (volume 31). Esta edição mineira reproduz a do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo a mais uma apresentação do Professor Mário Guimarães Ferri, na época diretor da coleção em que foi divulgada. A edição original da obra de von Versen — **Reise in Amerika und der südamerikanische Krieg** apareceu em Breslau, em 1872.

A produção de Tomás Antônio Alves Nogueira em vernáculo abrange os mais diversos assuntos: geografia, história, economia, política, direito, educação, biografias, compreendendo pelo menos nove títulos:

1. **Conspiração do Tiradentes: episódio da moderna história brasileira** (Rio, 1867). Segundo Sacramento Blake, este trabalho foi publicado também em alemão;
2. **Compêndio de História Moderna** (Rio, 1868);
3. **Grécia-Alemanha: Homero**. “Missiva literária endereçada ao ilustre latinista brasileiro dr. Lucindo Pereira Passos” (Rio, 1871);
4. **O governo e o povo: fatos econômicos da atualidade** (Rio, 1877), com o pseudônimo de Boisguillebert;
5. **A lei do orçamento: estudo de direito financeiro** (Rio, 1878), também com o pseudônimo de Boisguillebert;
6. **Organização do ensino secundário para o sexo feminino**, no volume “Notas e pareceres do Congresso de Instrução” (Rio, 1884);
7. **Compêndio de geografia e corografia do Brasil** (leipzig, 1889);
8. **Evoluções da civilização em Portugal: ensaios históricos** (datado de Paris, 1893, mas impresso em Leipzig no mesmo ano);
9. **O Príncipe de Nassau, governador do Brasil neerlandês** (Altenburg, 1900); publicado apenas com as iniciais M.T.A.N.

O livro de Manuel Tomás Alves Nogueira, que provocou-nos esta nota e cujo centenário no corrente ano se comemora, intitula-se **Der Mönchsritter Nikolaus Durand von Villegagnon** (O monge cavaleiro Nicolau Durand de Villegagnon) e traz como subtítulo **Ein Beitrag zur Kenntniss französich-brasilianischer Verhältnisse in XVI Jahrhundert**, ou seja, “Contribuição para o conhecimento das relações franco-brasileiras no século XVI. Dedicando-o a D. Pedro II, Alves Nogueira considerou seu livro “reminiscências patrióticas”.

Nele, traça o autor excelente painel da história da Europa no século XVI, como que preparando o cenário para introduzir seu biografado, que é, depois, estudado nas várias funções que desempenhou na França e, finalmente, no Brasil à frente da ocupação francesa de 1555. O prefácio, datado de Wiesbaden, 20 de julho de 1887, é bastante significativo e não nos furtamos ao prazer de transcrevê-lo:

“O século XVI é uma das épocas mais notáveis da humanidade. Além dos grandes descobrimentos marítimos que subverteram todas as relações políticas e econômicas, processou-se, como decorrência natural da renascente cultura greco-romana, o movimento religioso, na verdade acompanhado de sangrentas lutas, mas, como demonstraram os resultados, possivelmente a mais brilhante criação do espírito

germânico. Desde então os antagonismos religiosos não influíram menos nas relações entre os povos que a vida inteira de cada Estado. Considerando mais particularmente semelhante capítulo da História Universal, em que, tanto na Europa quanto em quase todas as terras do mundo então conhecido, se fez sentir profundamente o espírito dominador de Coligny, esperamos que seu retrato encha de contentamento os admiradores da autêntica grandeza de alma e sirva de ornamento à nossa obra.

Na época da Reforma, nesse período tempestuoso de paixões políticas e implacáveis desavenças confessionais, tem lugar a atividade guerreira e literária de Villegagnon. Não quis a adversidade que seus trabalhos, com exceção talvez de seus escritos militares, encontrassem em parte alguma eco favorável. Nem junto a seus correligionários, ibéricos, porque ele se lhes antepunha como conquistador, nem junto a seus conterrâneos católicos, que o tomaram como instrumento do admirante huguenote: Coligny, ainda menos junto aos protestantes de todas as nações, os quais o deviam considerar como o defensor encarnado do poder papal. E no entanto ele foi um notável guerreiro, um excelente escritor militar, um lutador atilado e incansável no terreno das controvérsias religiosas. Contudo, não lhe coube em setor alguma posição de relevo, pois viveu em uma época rica em grandes personalidades, na qual, por exemplo, Guise e Condé ofuscavam facilmente seus feitos militares, e Calvino e Richer malogravam suas pretensões teológicas. Mesmo assim, seu nome está intimamente ligado a importantes acontecimentos políticos da França e ainda hoje lembra uma fortaleza da majestosa baía da capital brasileira sua atividade de vários anos nas águas sulamericanas.

Foram vãos esses esforços, em boa parte devidos a acontecimentos de que não tem culpa a superioridade de meios dos seus inimigos.

Seguindo o exemplo do benemérito pesquisador Schulze, salientamos o papel que dois alemães, Hans Staden e Heliodorus Eoban, tiveram nos primórdios da história do Brasil. Sem o livro de Hans Staden, nossos conhecimentos da população aborígine seriam ainda mais modestos; o grande poeta e historiador inglês Robert Southey foi o primeiro a aproveitar-se da contribuição etnográfica de Hans Staden, o que todos os demais cultores da história do Brasil se limitaram a copiar literalmente, excetuando-se Léry, que, por motivos religiosos, escreveu um interessante livrinho sobre o Brasil, a expedição francesa foi um acontecimento estéril para a ciência; o que, porém, escapou à observação de tantos franceses ilustrados, com referência aos seus vassalos e aliados indígenas, o pobre filho de Hessen registrou acuradamente como simples prisioneiro dos selvagens. Outro natural de Hessen, foi Heliodorus Eoban, filho de um poeta, nome que os escritores da língua portuguesa pouco citam, o qual, porém como chefe de guerreiros indígenas, contribuiu bastante para que fosse abaixo o domínio francês na América do Sul."

As considerações acerca da obra de Hans Staden sugerem-nos alguns comentários. Ao tempo em que Alves Nogueira publicou seu estudo sobre Villegagnon, o livro do simpático artilheiro alemão ainda não havia sido traduzido para a nossa língua. É inconcebível que o primeiro

livro publicado sobre o Brasil (como reconhecidamente se sabe ser o de Hans Staden) levasse mais de trezentos anos para ser divulgado no país de que ele trata. Com efeito, foi só em 1892 que apareceu a primeira tradução brasileira, graças a Tristão de Alencar Araripe, que a inseriu em o tomo 55 da preciosa “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Tradução que teve tudo contra si, em nada contribuindo para tornar conhecido o famoso livro. Em primeiro lugar, o fato de não ter sido publicada em volume, mas nas páginas de uma revista de divulgação restrita e praticamente circunscrita aos sócios do Instituto; segundo; a ortografia esquisita adotada pelo tradutor, de difícil leitura; e, como se não bastasse, ainda o fato de tratar-se de uma tradução feita não diretamente do original alemão, mas de uma tradução francesa. Só em 1900 aparecerá, graças a Alberto Loefgren e a Teodoro Sampaio a primeira tradução direta do original de Marpurgo, mas, apenas da primeira parte da obra. Esta edição de Loefgren-Sampaio, editada primeiramente pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, numa edição comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil, embora reconhecidamente incompleta, foi reeditada inúmeras vezes, inclusive pela própria Academia Brasileira. Só em 1942 aparecerá uma edição completa do importante texto, graças à Sociedade Hans Staden, de São Paulo.

É estranho que esta edição, completa e tanto quanto possível definitiva de Hans Staden tenha tido menos divulgação que a outra, reconhecidamente incompleta, conforme assinalamos. Por que? quem o poderá dizer? O fato é que, enquanto da edição incompleta há pelo menos meia dúzia de edições (Instituto Histórico de São Paulo, Academia Brasileira, Companhia Editora Nacional, Edições Progresso, Edições de Ouro...), a edição da Sociedade Hans Staden só uma vez foi reeditada, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em 1974, volume 17 da preciosa e prestigiosa coleção “Reconquista do Brasil. Assinale-se, ainda, que à margem do livro de Hans Staden, numerosos trabalhos têm sido publicados e dele se fez até uma adaptação infantil (por Monteiro Lobato), o que mostra o interesse que as primeiras edições despertaram.

Quanto a Eoban, o outro cronista do século XVI lembrado por Alves Nogueira, hoje já dele se conhece bem mais que no tempo do autor de **Villegagnon**. Carlos Oberacker Jr., por exemplo, dedicou-lhe dois capítulos em seu utilíssimo livro **A contribuição teuta à formação da nação brasileira** (Rio de Janeiro, Editora Presença, 1968).

O estudo da vida de Villegagnon propiciou a Manuel Tomás Alves Nogueira uma apreciação das mais pertinentes sobre a vida européia da época em que viveu seu biografado. Não apenas nos seus aspectos políticos sociais e culturais, mas principalmente nos seus aspectos religiosos. O autor demonstra perceber com acuidade aquela “modernité du XVIe, siècle”, a que se referirá, anos mais tarde, o grande historiador Henri

Hauser, bem como a “crise da consciência européia”, a que, por sua vez, Paul Hazard se referirá em livro famoso. Talvez não haja em nenhum autor brasileiro páginas mais expressivas sobre o assunto do que as que nos foram deixadas pelo biógrafo de Villegagnon.<sup>1</sup>

Só em 1944 foi o livro de Alves Nogueira traduzido para nossa língua (com o título simplificado para **Villegagnon**), publicação da antiga editora Epasa, do Rio de Janeiro, em tradução de Rodolfo Coutinho, com introdução e notas de Basílio de Magalhães. Integrava a coleção “Biblioteca Brasileira de Cultura”, dirigida por Basílio e Cândido Jucá (Filho). Muito valiosa, a introdução de Basílio de Magalhães, nela figurando a bibliografia completa de Alves Nogueira (corrigindo mesmo outras fontes), e dela nos utilizamos para esta nota. Não tenho sido reeditado, o volume da Epasa, que reproduz em fac-simile a página-de-rostro da edição original de Leipzig, de 1887, é hoje bastante raro, embora não tenha ainda meio século.

---

(1) Uma amostra do que escrevemos, o leitor encontrará na seção “Textos” do presente número (pág. 257), na qual é transcrita uma página de Manuel Tomás Alves Nogueira sobre a situação religiosa da França no século XVI.